



O ARCO DAS AGUAS LIVRES ÀS AMOREIRAS.

PORTUGAL.

XXII.

O AQUEDUCTO DAS AGUAS LIVRES.

EM 1588 se tomaram as primeiras disposições para aprovisionar de aguas a cidade de Lisboa, que de anno para anno crescia em população; tambem ha quem affirme que já no tempo do afortunado D. Manuel se fizeram tentativas encaminhadas ao mesmo essencial objecto, procurando-se as nascentes, donde hoje se deriva o principal provimento da nossa capital. Naquelle tempestuoso e infeliz reinado de D. Sebastião abortou o designio: muito mais tarde a magnificencia de D. João 5.º e os copiosos recursos da monarchia levaram a cabo a magestosa obra, que é por certo a mais notavel de quantas Lisboa encerra no proprio recinto e nas visinhanças. É fabrica destinada á commum utilidade; e alem d'este grande preço reune todas as condições de sumptuosa, por tal arte que não duvidou dizer della o academico, P.º Estevão Cabral, as seguintes expressões.

FEVEREIRO 18 — 1843.

— «Uma das obras de maior magnificencia, que no seu genero se admiram talvez em todo o mundo, é a obra chamada das *aguas livres* na nossa Lisboa. É certo ao menos que no genero de aqueductos excede ella os mais famosos, quaes são os de Genova, de Spoleto, de Caserta, de Roma, excepto que na quantidade de fluido as aguas livres comparadas com alguns delles são pobreza comparada com riqueza, pois os romanos e o de Caserta trazem rios cheios, e este nosso apenas traz um pequeno regato; mas a belleza e a magnificencia são sem controversia nenhuma aqui maiores.» — Desde que o sabio padre escreveu, já lá vai meio seculo; tem crescido o bastecimento das aguas com os muitos mananciaes descobertos e encanados para o aqueducto geral; ha oito annos tem continuados trabalhos engrossado as antigas e inexauriveis fontes, para cada vez mais a grandeza da construcção corresponder ás intenções que a suggeriram e ás necessidades de uma das principaes cidades da Europa. — Igualmente, as queixas que o citado A. e o outro academico, Vandelli, appresentaram, relativamente á falta de

2.ª SERIE. — VOL. II.

conclusão e aproveitamento do vastissimo deposito, ou piscina das Amoreiras, cessaram, porque logo nos primeiros mezes da restauração effectuada pelo Sr. D. Pedro 4.º, de Saudosissima Memoria, se completou esse deposito providencial, com a notavel circumstancia de se formar a cascata por onde as aguas se quebram e precipitam, gozando o beneficio do ar e da luz com a certeza de entrarem no amplissimo tanque mais depuradas. Os antigos, nos seus grandiosos aqueductos, armavam tambem interrupções e quedas em tanques similhantes, para que a agua depozesse tudo o que fosse heterogeneo, e chamavam-lhe *piscina limaria*, porque tal obra servia para clarificar a agua, deixado o lodo: alem desta consideração do illustre povo romano, dam-se outras, que a moderna physica aconselha, para que estas artificiaes cascatas se fabriquem e conservem.

Nem se creia que o P.º Cabral, por sentimentos de nacional, exaggerou a sumptuosidade do monumento, consagrado pelo rei magnanimo ao bem do povo; nos escriptores estranhos acharemos confirmado o seu juizo. Balbi quasi que se exprime nos mesmos termos, e accrescenta [a pag. 174 do *Ensaio*] que *é uma das obras mais magnificas da moderna Europa, e que póde ser comparada ás maiores que desta especie fez a antiguidade*. Os mais, que a viram e descreveram, fallam identica linguagem: nas Memorias da R. Acad. das Sciencias de Paris, anno de 1772, Parte 2.ª, vem delineado o arco grande, como cousa singular.

Em pouco mais de vinte annos se construiu tão estupendo monumento, pelo risco do engenheiro militar, Manuel da Maia. Tal é a solidez da construcção que o devastador terremoto de 1755 lhe não fez damno; não deram de si os pilares, as paredes não abricam; apenas tres dos dezeseis torreões, que servem de ventiladores, soffreram algum estrago. Começa o aqueducto quasi a tres leguas da cidade na ribeira de Carenque; numeram-se em toda a sua extensão 127 arcos de forte e excellente cantaria; a altura interior do encanamento é de treze pés: quando em sitios eminentes prosegue sotterrado tem a espaços convenientes uns torreões quadrados com sua janella em cada face, resguardadas por grades de ferro e redes d'arame; e ao atravessar os valles caminha sobre elegante arcaria, sem em seu curso desdizer do nivellamento proprio. — Ha torreões ou ventiladores na parte mais grandiosa da obra, a ponte-aqueducto sobre a ribeira d'Alcantara; para aqui se chama a admiração de naturaes e estrangeiros: bella e dilatada é a perspectiva que de tão desmesurada altura se avista. Por 35 arcos, que unem duas oppostas eminencias, sobre uma quebrada de espantosa profundidade e na extensão de 400 toesas (*) segue o abastecimento d'aguas para a cidade nova, a maior e melhor parte da populosa rainha do Tejo. Os arcos, como é bem de presumir, variam gradualmente, para qualquer dos extremos, na dimensão perpendicular e na largura desde a volta até a base: o maior, por justa antonomasia denominado Arco grande, tem de altura 315 palmos craveiros, e de largura 150. Parallelos á mesma sumptuosa ponte-aqueducto correm, dos lados do nascente e poente, dois passeios de quasi oito palmos de largo com seus parapeitos, donde para qualquer destas frentes se desfructa a paizagem do nosso bello clima meridional conforme a variedade das

(*) Dão-lhe os escriptores estrangeiros 2:464 pés inglezes, que segundo as tabellas do Sr. Barreiros produzem 341½ braças portuguezas.

estações, notando-se o espectaculo das quintas, casas de campo, e terras de semeadura, em vasto horizonte.

Entra o aqueducto na cidade pela parte do noroeste, onde chamam as Amoreiras por causa de um plantio arruado destas arvores, com fonte publica no centro, e que fóra disposto para servir á Fabrica das Sedas erecta por conta do Estado no sitio do Rato: neste lugar, ao occidente, sobre a rua que é a sahida e estrada geral desta parte de Lisboa, está um arco, á maneira dos triumphaes, a um tempo esbelto e magestoso, de soberba cantaria, e pertencente á ordem d'architectura chamada dórica: no apainelado do friso da cimalha, para a banda, que em respeito á situação diremos [ainda que vagamente] do norte, lê-se uma elegante inscripção latina, disposta segundo o gosto do estilo lapidar, na qual se commemora o pacifico reinado de D. João 5.º, as difficuldades e o feliz resultado da empreza do aqueducto, com os encomios costumados das qualidades do monarcha; tem a data de 1738, e marca o espaço de vinte e um annos, que levou a obra: no apainelado opposto, que lhe é correspondente e olha para a cidade, ha outra inscripção similhante na mesma lingua, que menciona a extensão de nove mil passos do aqueducto, e que este fóra fabricado *are publico*, com o dinheiro publico, porque se fez á custa da nação, contribuindo essencialmente o imposto denominado *real d'agua*. Deixamos de traslada-las, em rasão do grande espaço que occupariam. — É este o monumento commemorativo, que os leitores veem representado na gravura anteposta a este artigo.

Logo contiguo, e immediatamente ao sahir do passeio das Amoreiras para o sul, ha o grande deposito ou piscina, de que acima nos lembrámos; na forma externa é uma torre quadrangular, composta inteiramente da bella pedra de cantaria em que o nosso reino abunda tanto, encerrando um tanque, construido segundo os rigorosos preceitos da arte, completo em 1834, limpo e bem vedado, com os conductos necessarios, quebrando-se as aguas nas irregulares saliencias da cascata, e que forma um espectaculo agradável á vista, ao passo que o ouvido se entretem com o sussurro que rebôa pelas amplas abobadas, que fecham o recinto. Os fortissimos muros deste tanque marmoreo tem de espessura 25 palmos, e serve esta grossura, entre a borda do mesmo e o muro externo, de espaçosa varanda, que offerece folgado passeio a muitos concórrentes, por tres dos lados, ficando no quarto a queda das aguas, á banda do poente; nos lados exteriores rasgaram-se amplas janellas: por um lanço d'escada estreita e torcida sobe-se ao eirado que remata a torre, lageado, e geral sobre a immensa abobada, e donde se avista um lindissimo panorama da cidade, que talvez não tenha rival, — senão o que se descortina da eminencia do castello — ou o prospecto que do zimbório do convento da Estrella se desfructa. — O comprimento do tanque [segundo a memoria do P.º Cabral] é de 125 palmos, a largura de 107, e a altura de 37; do fundo erguem-se quatro pilastras de dez palmos quadrados, que sustentam as abobadas superiores. Este grande edificio é o que o vulgo conhece pelo nome de *mãe d'agua do Rato*, ou das Amoreiras.

A zelosa Sociedade Pharmaceutica Lusitana, sempre attenta a indagações e trabalhos de publica utilidade, fez a analyse chimica da agua das Aguas Livres, que estampou em o n.º 3.º do seu Jornal.

O Bono.

1128.

V.

A Madrugada.

O céu oriental começava a dourar-se com os primeiros raios de sol que surgiam na vermelhidão da madrugada. Allumiando com serena e ainda frouxa claridade o burgo assentado na baixa, iam reflectir-se tremulos no orvalho pendurado nas folhinhas da relva pelas veigas circumvisinhas; e batendo de soslaio nas muralhas e torres do castello tingiam as pedras alvas e lisas de côr pallida. Era um alvorecer de manhã de estio no Minho, tão suave, tão poetico e pinturesco, que talvez por isso ahí collocaram os antigos pagãos o Lethes, esse rio cujas aguas faziam esquecer as penas e os deleites da vida. Esta virtude, porem, do clima, este deleite que se encontra no aspecto daquellas lindas paizagens, no murmurar dos arroyos perennes, nas sombras dos arvoredos frondentes, e na risonha verdura dos prados, não tinha podido fazer esquecer ao conde de Trava os riscos da sua situação. Atormentado pelos receios do desfeixo da lucta em que lhe era forçoso entrar, tinha-se revolvido toda a noite no seu leito, sem poder dormir, ora arrependendo-se de haver tratado tão duramente o moço Afonso Henriquez, ora fervendo-lhe n'alma desejos de vingança atroz contra o mancebo e contra os barões de Portugal, que successivamente se declaravam pelo bando do infante. A idéa de se ver cercado em Guimarães por aquelle mesmo a quem mezes antes fazia esgotar até as fezes o calix da humiliação, accendia-lhe o orgulho e a colera a ponto indizível. Então punha-se a calcular as probabilidades de uma batalha campal. Tinha comsigo mil lanças entre cavalleiros de Galliza e d'Aragão: muitos ricos-homens de Portugal pareciam conservar-se fieis, não a elle, mas a D. Thereza; e os borgonhezes, companheiros do conde Henrique, educados nas idéas da absoluta lealdade feudal, e investidos pela maior parte em tenencias de terras, e em alcaidarias de castellos, davam-lhe toda a certeza de que não abandonariam aquella de quem tinham seus feudos. Com estes elementos diversos elle podia ir em arrancada contra a hoste de D. Afonso, superior talvez em pionagem e bésteiros, mas assaz inferior á sua em homens d'armas. Se, porem, os barões portuguezes que ainda se não haviam declarado contra a rainha, a abandonassem, a victoria não seria tão facil d'obter: e posto que o conde tentasse minguar o valor e pericia dos cavalleiros d'aquem Minho para se esforçar a si proprio, a lembrança de que um tal acontecimento seria possível era, entre todas as que o assaltavam, a mais importuna e a que principalmente não o deixára repousar durante as curtas horas de uma noite de junho, a qual para elle fôra uma das mais longas da sua vida.

Assim apenas a luz duvidosa da aurora raiava no oriente, já a ponte levadiça do castello de Guimarães descia á voz impaciente de Fernão Perez, montado no seu ginete andaluz. Os atalaias viram-no sumir entre a casaria do burgo, e d'ahi a pouco tornar a apparecer alem dos vallos alevantados á roda da povoação. Acompanhava-o já outro cavalleiro, cujas feições a escaça luz da madrugada não

deixava bem divisar, mas que alguns dos esculcas apostavam ser Garcia Bermudez, o intimo amigo do conde; o unico homem que sabia moderar o seu caracter violento e altivo, e que parecia senhor de todos os segredos daquella alma dissimulada e ambiciosa. Fosse quem fosse o cavalleiro, o conde rodeou com elle os vallos, e passando perto outra vez do castello, os dois se embrenharam n'uma selva profunda, que se estendia a pouca distancia deste para a parte do norte.

O cavalleiro era de feito o valido de Fernão Perez. A amisade dos dois se travára e crescêra na Palestina. Garcia salvára o conde em certo recontro, no qual o filho de Pedro Froylaz, a pé e coberto de feridas, mal se defendia já, com um troço de espada partida, da multidão dos sarracenos que o cercavam. Desde então, companheiros de perigos e deleites, nunca mais se haviam separado. Era uma destas fraternidades d'armas de que os tempos barbaros nos offerecem tantos exemplos, porque ainda então existia a individualidade do homem de guerra, hoje completamente annullada pelo valor ficticio a que chamámos disciplina.

Ao passar pelo burgo, o conde avistára o cavalleiro, de cujos olhos tambem fugira nessa noite o somno, posto que por bem diverso motivo. Pela primeira vez Fernão Perez de Trava desejou esconder ao seu amigo os pensamentos que lhe vagueavam no espirito. Todos elles se resolviam n'um sentimento unico — o temor. Envergonhava-se de si mesmo, e não ousava confessar a fraqueza do seu coração áquelle cujas faces nunca vira demudadas no meio dos maiores riscos. Procurando dar ao semblante carregado uma expressão d'alegria, bradou de longe ao cavalleiro, que embebido em scismar profundo nem sequer sentira o tropear do ginete:

«Madrugador, sois Garcia Bermudez. Já vejo que ainda vos lembram as alvoradas d'ultramar.»

Garcia soffreu a mula de corpo em que ia montado, e volveu para traz os olhos. No seu gesto estava impressa a mais profunda melancholia.

O conde esporeou o ginete até emparelhar com o cavalleiro, e estendeu a mão para elle. Garcia Bermudez apertou-a na sua, e Fernão Perez sentiu que esta estava tremula e febril.

«A fé que mal te foi a noite passada: a tua mão é ardente: tens no rosto pintado o padecimento.»

«Verdade é, nobre conde — respondeu tristemente o cavalleiro — duas noites semelhantes á que passei, e estes cabellos estarão brancos, e este braço vergará como o de um velho ao sopesar a lança.»

«Mas porque assim padecendo te diriges para a campina, humida com o rocio da noite, quando talvez podesses repousar agora no somno da madrugada?»

«É porque busco o ar e a luz do céu como um refrigerio: é porque sinto cá dentro um fogo que me devora, e preciso de respirar livre na solidão.»

O conde viu duas lagrimas bailarem sob as palpebras do cavalleiro. Parou espantado. Era inaudito, monstruoso, impossivel o que via. Nunca a dor de feridas, a sede nos desertos, a fome nos castellos sitiados, e até a morte de amigos queridos no campo de batalha, lhas haviam arrancado. Occorreu-lhe então um pensamento subito, porque Fernão Perez era habil em conhecer os affectos humanos. Parou, e cravando a vista de lince no rosto de Garcia Bermudez, disse-lhe no tom firme e positivo de quem descobrira um segredo: —

«Garcia, tu és infeliz pelo amor!»

O cavalleiro córou levemente, e com a voz affogada respondeu: —

«É verdade!»

O conde sabia que elle amava Dulce: toda a córte o sabia. Fernão Perez folgava com a idéa de prender por laços mais fortes que os da amizade aquelle esforçado homem de guerra á fortuna de D. Thezeza e á sua. Dulce seria disso um penhor, e a affeição particular que ella mostrava ao cavalleiro persuadira o conde e a infanta de que os seus intentos e desejos seriam brevemente cumpridos. A tristeza de Garcia, a que não achava outra rasão possível, depois de um saráu a que tinham assistido tantos cavalleiros mancebos e gentis-homens, lhe fez crer que entre os dois amantes se alevantára alguma destas procellas, com que o suão mirrador do ciu-me costuma entenebrececer ás vezes o céu risonho desta quadra da vida — tão bella e tão passageira. A resposta de Garcia o confirmou nesta idéa.

«Dulce trahiu-te, pois?» proseguiu o conde sem tirar d'elle os olhos.

«Não: — replicou o cavalleiro — porque nunca fui amado por ella!»

Estas palavras eram uma fria e morta expressão, como para representar as paixões violentas o é sempre a linguagem dos homens: e todavia no accento com que haviam sido proferidas revelava-se bem o martyrio atroz do orgulho offendido e do amor desprezado, que ralava o coração de Garcia.

«Nunca!? — interrompeu Fernão Perez. — Cria eu o contrario: — tinha talvez rasão para o crer. Se, porem, não é Dulce a dama dos teus affectos, ou serei eu perguntar a Garcia Bermudez o nome da sua amada e a causa do seu padecer?»

No tom destas palavras havia o quer que era de ironia e motejo.

«Conde de Trava — replicou o cavalleiro — só disse que jámais fui amado por Dulce: não que eu não a amava. Nunca o encobri a ninguem, e vós sabeis que muitos segredos meus, que todos ignoram, nunca de vós os escondi.»

O modo sentido e de amarga reprehensão com que Garcia respondêra, fizeram conhecer a Fernão Perez que a ferida aberta naquella coração era dolorosa e profunda. Então, estendendo de novo para elle o braço, disse-lhe sorrindo:

«Vamos: fallemos serio, e perdoa o meu gracejar. Se amas Dulce, ella será tua. Coleras de amantes passam como a nuvem varrida do norte; — e que não fosse assim, seria eu o tufão que a affugentasse. Sabes que Dulce é a filha adoptiva da rainha. Será tua esposa a um aceno do conde de Trava; e não é o conde de Trava o teu mais verdadeiro amigo? Oh, abre-me o teu coração!»

E apertava entre as suas a mão do cavalleiro.

Garcia Bermudez alevantou para elle os olhos humidos e tristes. Por algum tempo ficou em silencio, e por fim exclamou:

«Não sabes o mal que me fizeste; não sabes o bem que ora me fazes! Suffocava-me o peso da minha agonia: deixa-la, emfim, dilatar-se!»

Então, seguindo por meio da selva, narrou ao conde tudo o que se passára na vespera, e a larga historia do seu desditoso amor, que o mundo cria retribuido e feliz. Aquella narração eloquente, como a paixão lh'a ensinava, chegou a commover o animo de Fernão Perez, que, distrahido a principio, escutára pacientemente essa larga confidencia, com o unico intuito de tornar mais intimos pela gratidão os laços que prendiam á sua sorte um homem,

de cujo esforço tanto carecia na difficullosa situação em que se achava. — Apenas Garcia cessára de fallar, o conde bradou — e desta vez as suas palavras vinham da alma:

«Cavalleiro, Dulce será tua mulher: juro-o pelas cinzas de meu pai!»

Era o mais grave juramento de Fernão Perez. Poucas vezes o ouvira Garcia Bermudez jurar pelas cinzas de Pedro Froylaz.

«Dulce — proseguiu o conde — é orphaã e nobre: por foro de Portugal á sua mãe adoptiva, senhora dos préstamos de que ella é herdeira, pertence escolher aquelle que hade desposa-la. Tu serás o escolhido, e se-lo-hás talvez hoje mesmo. Affirma-to o conde de Trava?»

O cavalleiro ficou por largo espaço pensativo. Reflexões encontradas tumultuavam no seu espirito. Nestas eras civilisadas em que a idéa do amor é mais pura nos corações que o comprehendem, nenhum animo generoso deixaria de recusar com horror esse meio violento de satisfazer seus desejos. Naquelles rudes tempos, porem, a generosidade e a delicadeza dos affectos moraes era mais um instincto confuso que uma doutrina definida, gravada na alma pela educação e pelas crenças sociaes. Era por isso que Garcia hesitava entre o intimo aconselhar de uma nobre consciencia, e o cégo desejo de paixão ardente. A tenuissima esperança que ainda lhe restava fez triumphar, em fim, a sua natural generosidade:

«Não — disse elle — não quero dever á obediencia, o que só quizera merecer pelo amor.»

* Que importa? — interrompeu Fernão Perez. — Deixa, Garcia, aos trovadores essas affeições, que se pagam de submissão e suspiros. Juramento feito pelas cinzas de meu pai, nunca deixei de cumpri-lo. Poderia agora faze-lo?»

O cavalleiro pareceu meditar um momento: depois accrescentou:

«Bem o sei; mas promette-me uma só cousa.»

«Qual é? — atalhou vivamente o conde.»

«Que não será hoje que o cumpras.»

«Oh, quanto a isso — respondeu Fernão Perez sorrindo — não o jurei eu. Nem poderia jura-lo. O conselho dos barões, que vai daqui a pouco ajuntar-se nos paços de Guimarães deve ser demorado e tempestuoso. Conheces o que lá hade tratar-se; e que não conto com todos os ricos-homens de Portugal, como conto contigo. Teremos brava batalha.»

«Em quanto este braço poder menear uma acha d'armas; em quanto nestas veias houver uma gota de sangue, aquella ferirá sem piedade os teus inimigos, este será derramado para te defender a ti.»

O conde cahira naturalmente na realidade da vida, e voltára ao habitual egoismo de que por momentos Garcia Bermudez o fizera sabir. Quando o avistára, ao atravessar o burgo, tinha-lhe occorrido consultar o cavalleiro, cuja mestria de guerra elle conhecia, sobre o systema que devia seguir ao começar a lucta com Affonso Henriquez, lucta que bem conhecia ser inevitavel. Aproveitando o ponto em que tocava quasi imprevisamente, foi, sem revelar nunca os receios que o assaltavam, conduzindo a conversação de modo, que, depois de havermos rodeado o bosque, ao entrarem no castello, os dois haviam calculado e disposto todas as traças que julgavam opportunas para chegarem naquella guerra imminente a um desenlace feliz para a bella infanta de Portugal, e por consequencia para o ambicioso filho de Pedro Froylaz. — [Continúa.]



O HOTTENTOTE.

DESCREVEMOS o celebre Cabo de Boa-Esperança no volume primeiro da 1.^a Serie; no 2.^o a pag. 264, e no 3.^o a pag. 18, referimos os costumes e indole das varias nações de caffres, que estanceiam pela costa oriental d'África, nomeadamente nas vastas possessões portuguezas: a pag. 380 do vol. 1.^o da presente Serie demos noticia dos colonos do sertão do Cabo; resta portanto fallar dos hottentotes, povoação indígena dessa ponta de Africa a que impozemos nome, e que, apesar de horridas tormentas, para os nossos descobridores foi de feliz presagio abrindo-lhe a rota da India.—A raça hottentote, de continuo acoçada pelos colonisadores, ha muito que buscava refugio nos áridos desertos sertanejos: as vexações dos hollandezes e dos que lhes succederam não só a tinha reduzido em numero, mas privando-a pouco a pouco do direito de apascentar seus gados a sujeitára a um jugo mui parecido á escravidão: a final os inglezes a emanciparam em junho de 1828; e os hottentotes do Cabo, ao todo trinta mil individuos, foram admittidos a gozar os mesmos privilegios e direitos que a população branca da colonia.

Os hottentotes tem os ossos das faces mui prominentes, e ao contrario o queixo pontagudo em demasia; o nariz extremamente chato e as ventas mui abertas; a boca rasgada guarnecida de miudos dentes alvissimos; não tem feios olhos; e proporcionalmente áquella forma de rosto as feições são regulares; é engraçado e agil o seu modo de andar: as mulheres são bem asfiguradas, e tem mãos e pés pequenos e bem feitos, como não era d'esperar em gente rude.

Esta casta africana é dotada de bastante presença d'espírito, e de animo reflexivo e reservado; desvela-se no pastio de seus gados, porque é es-

sencialmente pastoril, nem tem idéa dos rudimentos d'agricultura; não semêa nem planta; nem sequer sabe fabricar manteiga e queijo, fazendo uso do leite no primeiro estado liquido.—São porem os hottentotes destros na caça, exercicio em que muito os auxilia a vista perspicaz: como caçadores d'elephantes não só desenvolvem habilidade mas tambem ousadia.

O vestuario desta gente consta principalmente de uma capa de pelles de carneiro ou de feras, cosidas com tiras das tripas dos mesmos animaes: a capa serve de cobertor á noite e de vestido de dia, trazendo-a aberta se faz calma, e conchegada ao corpo se ha frio; quando está velha aproveita-se para cobertura da cabana; se o dono morreu, nella o amortalam: afóra ella não tem o hottentote mais fato que uma especie de avental ou tanga, pendente da cintura. Os que mantem tracto com os europeus adoptaram algumas commodidades no trajar, e usam chapéu, pantalonas, e andam calçados, como se vê na gravura, imagem de um hottentote emancipado.

BEM QUERER E MAL FAZER.

(Memorias insulanas.)

= 1531 =

IV.

Bem querer!

... E não só foy espelho de perfeições & graças, dotada de gentis partes; mas vivendo teve algus lanços de rara virtude, & dignos de fazermos d'elles particular memoria.

*Monarch. Lusitana, Tom. 3.^o
L. 9., Cap. 20, pag. 98.*

Se uma grande resolução tem o poder, quasi sempre, de abalar por tal modo, que nem tempo deixa para a reflexão, é de ordinario incentivo para fortes e vigorosas acções.—Assim pelo menos aconteceu com os sorprendidos companheiros da illustre viuva apoz o atrevido rapto de Antonio da Camara.

D. Agueda lutando com sua grande indignação, e sua dôr ainda maior, não sabia, no principio, que partido tomasse, mas breve recobrada da primeira e tão esmagadora impressão, com animo varonil, que de familia tinha, pensou em que a vingança e a justiça seguissem de perto a offensa e o erro, se não crime. Por sua ordem alguns da comitiva partiram a todo o correr de seus bons ginetes para a cidade do Funchal dar parte ás justiças, postas alli por elrei, do que era acontecido, e pedir-lhes em nome das offendidas prompto desaggravo á sua affronta.

Despira a habitação de Antonio da Camara o involtorio silencioso com que se disfarçára. Como que a varinha de condão de alguma boa fada, renovando os sonhos queridos da nossa infancia — tão saudosos sonhos! — tinha tocado a nossa morada: aavez das janellas e gelosias abertas divisavam-se camaras e salas custosamente adereçadas; entornava festivas harmonias, sorria por todos os lados a habitação alegre no meio de suas veigas e cerrados arvoredos.

De feito era uma fada, a mais poderosa de quantas fadas passeiam pelo mundo formosíssimo das imaginações, que tudo aquillo fizera — o amor.

No meio de uma camara aonde todos os primores da riqueza pareciam ter-se dado palavra, e em que o ouro e as perfeições da arte disputavam primazias, sobre os vistosos matizes das alfombras e tapetes, e debaixo dos tectos brilhantes sobresahia uma figura nobre que pela cor negra de seus vestidos singularmente contrastava com o risinho aspecto de quanto a cercava: era D. Isabel. Estava ella assentada sem mostras de abatimento; altiva e orgulhosa a frente, mas baixos e modestos os olhos. A poucos passos Antonio da Camara de pé e com os braços cruzados contemplava com ávido silencio aquella formosa e digna mulher, tão digna e tão formosa, que o audaz cavalleiro, timido agora, como que receiava aproximar-se-lhe ou quebrar a solemne mudez que alli reinava. Apesar de tão calados, havia contudo entre os pensamentos de ambos um vivo e energico dialogo.

Largo espaço permaneceram assim: ella sem querer confiar aos labios o que n'alma sentia; elle sem ousar interrompe-la. Mas o incendio que lá dentro lhe lavrava era mister rebentar, que por mui vivo já não havia contê-lo. Bem certo é que para o amor não ha difficuldades.— Difficuldade e grande era na espinhosa posição em que se achava o excessivo amante, pouco segura a consciencia e aguilhoada a vontade, o encetar conversa, que se por um lado podia tornar-se desejada, por outro tinha seu que de assustadora. Todavia a acção estava feita; era necessario portanto sahir do enleio.— Por fim os desejos do amor venceram as reprehensões do dever.

«Em tal cahimento cahi, formosa prima» — disse Antonio da Camara com voz sumida e incerta — «que nem já uma palavra, nem uma, vos mereço!»

«Melhor vos cabe a vós sabe-lo do que a mim» — respondeu a nobre dama com mui fera e soberba fidalguia de animo, de modo que o galan de novo guardou silencio, mas desta vez mais triste do que activo.

Fallando com Antonio da Camara, erguera D. Isabel para elle os olhos cheios de pura indignação, que ainda da violencia que lhe fóra feita lhe ficára. Baixára-os de novo, calando-se. Mas depois, quando apoz longa mudez os ergueu desleixada, como quem desperta de ponderoso meditar, deu com o extremo amante que ao lado lhe ajoelhára em silencio completo.

«Que fazeis, senhor?» — perguntou D. Isabel com gesto já mais brando, que não havia resistir a tal excesso de amor.

Antonio da Camara quiz responder: faltou-lhe, porem, a voz, e duas lagrimas amargas lhe escorregaram pelas faces. Aquella alma orgulhosa e firme em suas vontades cedia á primeira e unica fraqueza de toda a sua valente e vigorosa vida.

«Vêdes, senhora?» — disse elle ao cabo, valendo a dominar a commoção que o assaltára — «vêdes o que heis feito de mim? Que fui eu e que sou hoje? dizei-o... Apenas me dobrava a elrei: nunca tremi, nunca me abaixei a pedir nem a rogar vilmente, nunca uma lagrima pueril me envergonhou este rosto... nunca!... E agora?... Dobrei-me a buscar-vos nas sombras da noite como se precisasse occultar um crime; abaixei-me perante vós e os vossos insultos, minha prima... tenho pedido, tenho rogado... e peço e rogo de joelhos como o faria a Deus... Gastei annos de vida a pensar em vossos

aggravos e a procurar — dizia eu — desferrar-me d'elles... Ah! que a mim mesmo me enganava... Não, não era uma desforra que buscava — bem o sinto aqui — não era... Era a vossa vista, senhora, era uma esperança mal sonhada que eu no coração embalava, no mais fundo do coração, com amor e desvellos de pai... e choro aqui, formosa prima, agora que a vejo quasi perdida e murcha essa esperança que eu creei sempre tão verde... e choro... Que fui eu, e que sou hoje? dizei-o...

Aqui o fogoso amante parou fazendo solemne pausa. Ergueu-se lentamente, e apoz momentos de consideração continuou com voz de severo sentir, que ao seu aspecto um tanto leviano nunca ninguem lhe suspeitára.

«Restos venerandos de meus honrados avós, não me envergonheis da minha fraqueza. Quebrai, se é possível, com as cabeças despidas as vossas loisas de pedra, callai as reprehensões do tumulto, surti e vinde com os olhos que d'antes tinheis, vinde admirar esta por quem me esqueci da herança que me legastes, por quem regeitei gloria e brios, por quem me fiz tão fraco e tão covarde... Olhai, senhora, a que me vós reduzistes... O bom nome, a boa fama, as boas e leaes acções, tudo por vosso respeito desprezei, tudo se me varreu da lembrança só por este amor que amo tanto... Eis-me reduzido a mendigar affectos, e a lastimar fróxas maguas, eu que podéra zombar d'umas e dominar os outros... Cahi em erros por vós, formosa prima, cahi, não vo-lo nego... mas tudo o que fiz e o que faço não vos movem antes ao perdão que á vingança? Talvez por leviandade o tomasteis... ah! não. — Foi puro e ardente amor — tão puro e tão ardente que nem eu sei se podéra sê-lo mais... Ai! flôr da minha vida, tão murcha e desfolhada, quem te fará já agora reviver?... Bem o podicis vós, minha prima... Oh! tende dó de mim, que affronto sem desmaiar as lanças e os pelouros da guerra, e que desmaio e desfaleço perante vós que inda mór guerra me fazeis... Mas que é isto? supplicando amor eu que em troca só lucro desdens? A que extremo de baixez me descil!...

E o incansavel galan media a sala a passos descompassados, com verdadeiro desespêro. A propria incoherencia de suas palavras; seus gestos violentos, e sobretudo a energia com que fallava, iam pouco a pouco movendo a gentil viuva a mais brandos sentimentos do que até alli mostrára. Apesar de um tanto leviano na apparencia, o que talvez lhe vinha da promptidão com que tomára suas resoluções, era conhecido por um character forte e vigoroso. Ninguem melhor do que elle sabia proseguir e levar a cabo uma decisão tomada, e era, porventura, esta força de vontade que assim lhe arreigava no coração tão infeliz amor. Primava entre todos na ilha, que era elle fidalgo entre os de melhor nome, e valente entre os de maior fama. Gosava de credito e consideração geraes, e tinha as qualidades de um bom cavalleiro, as quaes nem por seus desvarios de todo se haviam escondido aos olhos de D. Isabel. Com isto, e com tão grande affecto n'alma, com aquella paixão desregrada que o levára a commetter esses mesmos desatinos, que se por um lado eram offensas, por outro eram provas energicas, quem resistiria ao arrebatamento do seu fallar, aos transportes do seu sentir?

Entre compassiva e agravada luctava a illustre viuva consigo, sem acabar em conceder o desejado perdão, que seria sem duvida seguido de senti-

mentos mais ternos ainda; ponderando de um lado o extremo do homem que alli via tão martyrisado; e do outro a memoria do defunto, e os fallares do mundo, cousas que pouco a pouco iriam — deveras o cremos — perdendo em seu espirito a intensidade; quando rumor alto que soou lá fóra, e que á maneira de um echo se espalhou pelo interior, a interrompeu nas suas cogitações, em bem má hora para o infeliz Antonio da Camara, que lá comsigo revolvia os mais violentos projectos. Augmentava o ruido fóra e dentro, e augmentava com elle a ancia intima de D. Isabel, que já estava habituada aos excessos do cavalleiro, e que alli se via desamparada em seu poder. Submisso fóra elle até então, mas quem poderia embaraçar tão fogoso character? Não era bem passado um credo quando um pagem bateu apressado á porta da camara.

«Que pertendeis?» perguntou o cavalleiro com modo impaciente, indo elle mesmo abrir.

«O ouvidor da capitania acerca-se de vossa morada com toda a sua gente, alcaides, meirinhos e juizes de todas as villas e logares, trazendo obra de 150 homens em sua guarda e auxilio. — Acompanham-nos tambem os servos e homens d'armas da Lombada do Arco, fazendo ao todo um temeroso esquadrão.

Antonio da Camara ouviu tudo com perfeito socego, e como que um raio de alegria lhe transluziu no semblante:

«Não tendes mais que dizer-me?

«Tenho que pedir as ordens que V. Mercê fór servido ordenar-me.

«Ide, dizei que aferrolhem as portas — se o não estão já — ao ouvidor: que aparelhem as armas e se aprestem para a defeza até á ultima.

O pagem obedeceu.

«Ainda bem» bradou elle com grande força apenas se viu só com D. Isabel «ainda bem! — Poderrei mostrar-lhes que sou o mesmo homem que era. Darei emfim pasto a esta ancia que me rala. Terei armas para quebrar e sangue para verter.» Assomou a uma janella donde se descobria o campo por entre o arvoredado e continuou: «Vinde, vinde, Sr. ouvidor, nem todos os vossos esbirros villões poderão valer contra o braço desesperado de um cavalleiro. Aqui, senhora prima, não é já um partido desigual. Ha braços e armas de um e outro lado. Vou ter homens na frente e uma espada no punho.

«Voltai-a antes contra mim.

«Não. — Deus dirá contra quem...

«Que tentais fazer?

«Ser homem. Vinde, senhora, vinde comigo.

«Arredai-vos, que vos seguirei. — Aonde me conduzís?

«A um sitio em que podereis ver tudo o que vai passar-se.

Nada mais disse. — D. Isabel seguiu-o quasi machinalmente até chegarem a um alto eirado no cimo das casas, donde se descobriam todos os recantos da habitação e todos os campos visinhos. Nos pateos da casa, e nas salas e camaras, ha pouco tão festivas, não se viam senão armas e soldados. No campo a hoste do ouvidor, remoinhando como um bando de abelhas no seu colmeal, parecia dispor-se ao assalto. Lá viu ella os seus leaes servidores, de todos os mais activos; viu sua irmã e alguns parentes; mas viu tambem que os de dentro não cediam em força aos de fóra, que os animava o espirito de seu amo e capitão. Viu emfim que o resultado, não podendo deixar de ser fatal para os

dois partidos, reunia comtudo maior numero de probabilidades contra os seus defensores. Antonio da Camara estava a seu lado, calado, apontando-lhe significativamente o espectaculo que aos olhos se lhe offerencia, e deixando um quasi imperceptivel, mas tremendo, sorriso florir-lhe nos labios. Passou-se breve pausa. — D. Isabel pondo os olhos nelle com senhoril maneira e singular presença de espirito, que nunca a abandonára, rompeu nestas palavras.

«A quem julgais vós, gentil primo, que uma dama honesta possa conceder um puro affecto; ao que lh'o tentar conquistar com espectaculos sangrentos e espantosos de parentes, amigos, e quasi irmãos degollando-se á porfia, ou ao que fór capaz de uma nobre e generosa acção, poupando muitas vidas e muitas almas?... respondei...

Apoz um momento de hesitação o cavalleiro travou da mão de sua prima, que desta vez o deixou, e sem dizer palavra desceu á maior sala das casas. Chegado alli conduziu-a ao logar principal, e voltando-se para um escudeiro disse:

«Fazei abrir as portas ao Sr. ouvidor. Que elle e suas justiças se sirvam de entrar.

Pouco depois o ouvidor e todos os seus entraram.

Silva Leal — Junior.

[Concluir-se-ha.]

EPITOME DA VIDA DE LUIZ DE CAMÕES.

(Continuado de pag. 32).

Assim foi por algum tempo vivendo na ultima indigencia a cargo de algumas almas bemfazejas, até que a Moçambique aportou a náu Santa Fé trazendo a seu bordo varios fidalgos, e amigos do nosso vate. Quiz Luiz de Camões aproveitar a occasião e livrar-se de tal captiveiro, embarcando-se na náu; mas o sordido governador o embargou por duzentos cruzados, pretextando ser a importancia das despesas que com elle havia feito na viagem desde Góa a Moçambique, e sem duvida á sua partida teria conseguido obstar, se por ventura Heitor da Silveira, Antonio Cabral, Luiz da Veiga, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão, Diogo do Couto, e outros cujos nomes ignoramos, e que mereceriam ser eternisados, não se cotizassem para pagar a divida e desembarga-lo. *Por este vil preço, diz Faria, foi vendida a pessoa de Camões, e a honra de Barreto!*

Livre das garras do desalmado governador embarcou-se alfim na sobredita náu com os seus amigos, trazendo em si os Lusíadas, e chegou a Lisboa, depois de dezeseis annos de ausencia, de trabalhos, e de relevantes serviços (*). Dois successos aconteceram porem, que deviam penetrar de profunda dor o coração do poeta, e foram como corredores ou tristes presagios dos desgostos que o esperavam. Aquelle seu grande amigo e valedor, Heitor da Silveira, falleceu no mar e quasi á vista dos penedos da serra de Cintra; e a cidade de Lisboa veio achar abrazada na força da peste horrosa, que no anno de 1570 a assolava, e que segundo os melhores computos levou perto de setenta mil almas!

Reinava elrei D. Sebastião, ou antes em seu no-

(*) Diz a Memoria Historica e Critica ácerca de Camões, fallando da náu Santa Fé: — «Póde affirmar-se que «nunca surcou as aguas de Portugal um vaso com cargação mais rica de fama e gloria para a gente lusitana.»

me reinavam privados, válidos e enredadores, que abusando da inexperiencia daquelle joven monarcha, e da educação fanatica que elle recebêra, o tornaram em seguimento, por um louco amor de falsa gloria, victima infeliz, causando a sua perdição e a nossa ruina! Com o pretexto da peste faziam os válidos discorrer elrei pelas provincias, e em seu nome, e em sua ausencia iam governando o reino a seu sabôr.

Neste estado de cousas difficil devia ser a Camões o conseguir fallar a elrei, e inda mais difficil agradar a seus ministros e privados, quando lhes appresentava em seu poema offerta que encerrava conselhos tão verdadeiros quanto eram ousados. Por isso dois annos decorreram primeiro que Luiz de Camões pudesse dar á luz os Lusíadas, e só em 1572 é que na cidade de Lisboa appareceu a primeira edição, dedicada a elrei D. Sebastião, que apesar de entregue todo á sua malfadada empreza africana, acolheu todavia benigno a offerta; mas nem por tal pagou generoso ao offerente, pois consta lhe mandára dar apenas a mesquinha pensão de quinze mil réis, com o onus de residencia na côrte, e encargo de tirar todos os seis mezes novo alvará para a cobrança della.

Em quanto os ministros e válidos d'elrei, entre os quaes se contavam, como principaes personagens, seu confessor, o P.^o Luiz Gonçalves da Camara, e o irmão deste, Martim Gonçalves da Camara, levavam este joven monarcha a remunerar por modo tão improprio dezeseis annos de bons serviços militares, e uma carreira preclara de eminente merito litterario, o publico acolhia a obra com o maior applauso, e vingava seu auctor da injustiça dos cortezãos. Nem deve admirar que Camões não achasse favor e amparo em uma côrte onde os sycofantas haviam podido por suas vis injurias indispor o incauto e inexperiente principe contra sua excellente avó, que acabaram com desgostos; e afastar do seu lado seu digno aio, D. Aleixo de Menezes, para o privarem de maduros conselhos.

A côrte andava por esses tempos de tal modo embevecida na louca e temeraria expedição d'África, que custava sommas immensas, e o povo em estado tal de descontentamento, pelos vexames que por essa causa soffria, que o nosso poeta viu-se no ultimo estado de desamparo como o attestam as memorias que delle nos restam. E a tão subido ponto chegou a sua miseria, pela culpavel indifferença de seus compatriotas, que um jáo (::) [por nome Antonio] que elle havia trazido da India, corria de noite as ruas de Lisboa pedindo esmola para sustentar seu nobre e honrado amo. Assim melhor avaliava este indio, mais humano e mais grato do que os nacionaes, o merito relevante de homem tão raro e grande quanto infeliz era!

Foi por esse tempo, segundo relata o já citado illustre e douto editor da melhor e mais nitida edi-

(::) Jáo, habitante de Java, e não João Antonio, como alguns escriptores modernos erradamente disseram, tomando Jáo por João ou Joam. O Sr. J. B. de A. Garrett, digno ornamento da nossa moderna litteratura, em uma de suas melhores producções, o poema Camões, fallando do bom jáo, assim se expressa:

« — Gemido, que ouve perto,
O interrompen. Era o seu jáo, que afflicto
O escutava. Do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava,
De ouvi-lo assim queixar.

Canto X. pag. 198.

ção que temos dos Lusíadas (**), que um fidalgo chamado Rui Dias da Camara, com um egoismo e insensível importunidade, que move indignação, veio ao pobre quarto de Camões, para fazer-lhe queixas de que tendo-lhe promettido uma traducção dos Psalmos penitenciaes, não acabava de a fazer, sendo tão grande poeta: ao que este respondeu com brandura e paciencia extraordinarias: — «Quantos do eu fiz aquelles cantos, era mancebo, farto, «namorado e querido de muitos amigos e damas, «o que me dava calor poetico: agora não tenho es- «pirito, nem contentamento para nada: ahí está o «meu jáo que me pede duas moedas de cobre para «ra carvão, e eu não as tenho para lh'as dar.» — Póde fazer-se a comparação entre o jáo, Antonio, e o fidalgo, Rui Dias da Camara, e decidir-se qual dos dois era mais nobre?

Nestes ultimos annos de sua atenuada vida, a sua habitação foi mui humilde quarto de umas casas proximas á igreja de St.^a Anna, na rua que conduzia ao convento dos jesuitas. Dalli ía passar, por unica diversão, as tardes ao convento de S. Domingos, onde ouvia lições de theologia moral, e praticava com alguns doutos religiosos de sua familiaridade.

O ultimo golpe que o coração patriotico de Camões devia receber, foi o resultado fatal da expedição d'África. A alma elevada do grande poeta succumbiu sob o pezo da dôr quando fôra informado da noticia desastrosa. Cercado por todos os horrores da miseria e do desamparo, e não podendo aquella alma, abatida pelo infortunio, resistir á viva impressão da catastrophe succedida em 4 d'Agosto de 1578, sobreveio-lhe grave enfermidade.

Conservaram os seus biographos M. S. de Faria, e Barbosa Machado dois fragmentos de cartas escriptas no ultimo termo da sua vida. Do primeiro vê-se o extremo de miseria a que chegou; e do segundo colhe-se quanto amava a sua patria, com aquella paixão que o animava sempre, e que conservou até a sepultura.

« *Quem jámais ouviu dizer [escrevia na primeira carta] que em tão pequeno theatro como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desventuras? E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males pareceria desavergonhamento.* »

Na segunda carta dizia: — « *Emfim acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria, que não sómente me contentei de morrer nella, mas de morrer com ella.* »

Este mesmo sentimento, o primeiro e o ultimo do seu coração, tinha elle já expressado antes, e de um modo tal, que não ha na antiguidade amor da patria, por mais exaltado, que lhe leve a palma. Jazia Camões no seu pobre leito de miserias, ferido da ingratição da sua patria, e do desleixo e abandono em que seus compatriotas a deixavam, quando um sujeito seu conhecido veio dar-lhe a triste nova da malaventurada jornada de Alcacerquiver, da lamentosa morte d'elrei D. Sebastião, e do fim funesto que ameaçava a patria: ao ouvir estas palavras o moribundo Luiz de Camões, levantando a cabeça exclamou com pungente dôr: — *ao menos morro com ella!* [Concluir-se-ha.]

(**) A que chama com rasão o Sr. Bispo de Vizeu o mais digno monumento que podiamos alevantar a memoria de Camões. Essa gloria coube ao nobre morgado de Matheus, cuja empreza hade viver na posteridade, como hão-de viver as obras do grande poeta.